

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EM “SINESTESIAS: ITAUCU NAS ASAS DA POESIA”

RÚBIA GARCIA DE PAULA¹

[ORCID: 0000-0003-4367-6871](https://orcid.org/0000-0003-4367-6871)

ALESSANDRA CARLOS COSTA GRANGEIRO²

[ORCID: 0000-0001-7297-3467](https://orcid.org/0000-0001-7297-3467)

Resumo: A Extensão tem previsão legal e contribui com o direito social à educação. O projeto em análise, desenvolvido pela Universidade Estadual de Goiás, liga-se ao ensino da Literatura para a formação cidadã, e identificou falhas no conhecimento e na difusão da literatura goiana, sobretudo nas escolas. Assim, foram desenvolvidas ações para fazer conhecer essa literatura, mais especificamente a literatura no município de Itauçu. Estas ações passam pela mediação da leitura de poemas de forma a despertar sensações diversas nos alunos, o que é chamado “oficina para degustação de poemas”. Este trabalho descreve a criação, a fundamentação teórica e o desenvolvimento prático dessas oficinas, bem como a respectiva importância para a formação docente e para a sociedade. Utiliza-se o conhecimento prático e o teórico para apresentar o tema. Base teórica: Suanno (2014); Tardif (2000); Candido (2004); Freire (1988); Castro (1994); Siqueira (2013); Lamas e Hintz (1997); Halbswachs (2006); Queirós (2012).

Palavras-chave: Extensão. Literatura. Oficina. Poema. Degustação.

¹ Pós-graduada em Docência Universitária na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás. Discente de Letras. Aluna especial no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI/UEG. E-mail: (rubia.rgp@gmail.com).

² Professora na Universidade Estadual de Goiás, Brasil. Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa. Tem feito investigação acerca do ensino de literatura numa perspectiva transdisciplinar, principalmente nos seguintes temas: tempo, espaço, memória e história. E-mail: (alessandraccosta@gmail.com).

THE UNIVERSITY EXTENSION IN "SYNAESTHESIAS: ITAUÇU IN THE WINGS OF POETRY"

Abstract: The Extension has legal foresight and contributes to the social right to education. The project under analysis, developed by the Universidade Estadual de Goiás, joins the teaching of Literature for citizen education, and identified flaws in the knowledge and dissemination of the literature of Goiás, especially in schools. Thus, actions were developed to make this literature known, more specifically literature in the municipality of Itauçu. These actions go through the mediation of the reading of poems to awaken diverse sensations in the students, what is called "workshop for tasting poems". This paper describes the creation, theoretical foundation and practical development of these workshops, as well as their importance for teacher training and for society. Practical and theoretical knowledge is used to present the topic. Theoretical basis: Suanno (2014); Tardif (2000); Candido (2004); Freire (1988); Castro (1994); Siqueira (2013); Lamas and Hintz (1997); Halbswachs (2006); Queirós (2012).

Keywords: Extension. Literature. Workshop. Poem. Tasting.

TLA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN "SINESTESIA: ITAUÇU EN LAS ASAS DE LA POESÍA"

Resumen: La Extensión tiene previsión legal y contribuye con el derecho social a la educación. El proyecto en análisis, desarrollado por la Universidade Estadual de Goiás, se une a la enseñanza de la Literatura para la formación ciudadana, e identificó fallas en el conocimiento y en la difusión de la literatura goiana, sobre todo en las escuelas. Así, se desarrollaron acciones para hacer conocer esa literatura, más específicamente la literatura en el municipio de Itauçu. Estas acciones pasan por la mediación de la lectura de poemas para despertar sensaciones diversas en los alumnos, lo que se llama "taller para degustación de poemas". Este trabajo describe la creación, la fundamentación teórica y el desarrollo práctico de estos talleres, así como su importancia para la formación docente y para la sociedad. Se utiliza el conocimiento práctico y el teórico para presentar el tema. Base teórica: Suanno (2014); Tardif (2000); Candido (2004); Freire (1988); Castro (1994); Siqueira (2013); Lamas y Hintz (1997); Halbswachs (2006); Queirós (2012).

Palabras clave: Extensión. La literatura. Taller. Poema. Degustación.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa deslindar todo o processo de criação, elaboração e desenvolvimento do subprojeto de extensão "Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia", desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas, no ano de 2018. Para isso, recorre a prescrições legais e a teorias a fim de explicitar a prática. Assim, o trabalho é dividido em três seções, adiante elencadas.

A primeira seção denomina-se “O projeto de extensão e a relevância na licenciatura”, pela qual aborda de forma geral o direito social à Educação, a Extensão na Constituição Federal, o direito humano à literatura e a relevância das ações extensionistas na construção do humano e do saber docente. Para isso recorre a Suanno (2014); Tardif (2000); Candido (2004) e à própria Constituição Federal de 1988 (CF/88).

A segunda seção, “O subprojeto ‘Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia’”, tem foco no subprojeto em si, explanando o locus de atuação, o público, os fundamentos teóricos e a elaboração das oficinas. Busca embasamento em Freire (1988); Castro (1994); Siqueira (2013); Lamas e Hintz (1997); Halbswachs (2006) e Queirós (2012).

Já a terceira e última seção “Descrição das oficinas sinestésicas para degustação de poemas”, como o próprio nome diz, faz a descrição metodológica de cada oficina ministrada, recorrendo principalmente em escritores goianos, sobretudo ligados à literatura produzida em Itauçu, tais como Borges (2017); Correa (2015 e 2017); Garcia (1991); De Paula (2014); Coelho (2015); Coralina (2009).

Portanto, todo o percurso teórico e prático da extensionista encontra-se transcrito nos tópicos que se seguem. Ressaltando que o desenvolvimento das ações também povoou a subjetividade da extensionista, como a disponibilidade de tempo para a criação e execução de cada oficina, o gosto estético, o amor pela poesia e os dons – os dois últimos levados em consideração na mesma medida da teoria.

O PROJETO DE EXTENSÃO E A RELEVÂNCIA NA LICENCIATURA

O projeto de extensão “História, Cultura e Literatura em Goiás: diálogos entre a universidade e a comunidade” é coordenado pela Profa. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro na Faculdade de “Letras – Português, Inglês e Suas Respectivas Literaturas” da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas.

Em 2018 o projeto bifurcou-se em dois subprojetos: “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia”, da acadêmica Rúbia Garcia de Paula (3º/4º período); e o subprojeto “Oficina Cria(r)te: produção artístico-literária e formação de cidadãos em Itauçu”, de Fábio Júlio de Paula Borges (7º/8º período), ambos desenvolvidos na mesma escola e turma.

Dadas certas particulares como gosto, habilidades e carga horária de cada extensionista, os subprojetos seguiram planos díspares; mas, frisa-se,

convergiavam e se encontravam nas ações, tanto porque oriundos do mesmo tronco – o projeto geral de extensão – quanto porque houve parceria entre os dois extensionistas. Aliás, essa parceria na Extensão já se desdobrava desde o ano de 2017, quando desenvolveram o projeto de extensão “História e Literatura em Itauçu: uma religação de saberes”, igualmente coordenado pela Profa. Dra. Alessandra Grangeiro e desenvolvido na mesma escola.

É pertinente ressaltar o quanto os projetos de extensão têm proporcionado trocas de saberes exitosas entre o corpo docente e discente de tal escola municipal e a UEG, pois, em 2019, a escola recebe pelo terceiro ano consecutivo um projeto com a mesma coordenação desenvolvido pela extensionista, cujo subprojeto “Poesia Goiana Fora da Página” está em andamento. Contudo, embora muitas vezes cite-se outros projetos e subprojetos, devido às particularidades outrora elencadas e a necessidade de delimitação do tema, este trabalho abordará especificamente as ações no “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia”.

Porquanto ligado à Faculdade de Letras e desenvolvido no âmbito do ensino da Literatura, o subprojeto em tela enquadra-se duplamente no campo da “Educação”. Sobre este tema, a Constituição Federal, art. 6º, versa que a “educação” está no bojo dos direitos sociais, assim como a “saúde”, a “alimentação”, o “trabalho”, a “moradia”, o “lazer”, a “segurança”, a “previdência social”, dentre outros (BRASIL, 1988). Tais direitos são instituídos a fim de garantir o mínimo acesso material necessário para manter-se a dignidade da pessoa humana. Versa, ainda, a Carta Magna, art. 215 (BRASIL, 1988):

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

É certo que o texto constitucional fala por si, mas, adentrasse a seara eminentemente legal do direito social à educação a fim de esmiuçá-lo, e este trabalho fugiria ao próprio escopo, que é apresentar as ações específicas da Extensão desenvolvida numa escola pública municipal. Entretanto, observe-se o que diz Suanno (2014, p. 13):

Com a finalidade do pleno desenvolvimento do educando, construindo seu preparo para exercer a sua cidadania de forma plena e qualificando esse sujeito para o mundo do trabalho, a escola tem a função de, entre outras, formar um indivíduo que se adéqüe às mais diferentes demandas, nos mais variados lugares, funções e tarefas, um indivíduo capaz de afrontar o seu próprio destino.

Assim, mesmo sem esgotar o tema, recorre-se ao artigo supracitado da Carta Magna Brasileira e ao trecho transcrito de Suanno (2014) no deslinde ora proposto, pois no caso específico desta Extensão na licenciatura em Letras as ações atuaram na “formação educacional cidadã” e “para o trabalho” da extensionista; mas também na cidadania do alunado atendido pelo projeto. Enfim, a Extensão, diretamente na escola, em uma via de mão dupla forma professores-cidadãos e prepara alunos para o exercício da cidadania.

Sobre formação de professores, ao tratar da profissionalização do ensino e da formação docente tendo por base a correlação entre os saberes prático-profissionais dos professores e os conhecimentos científicos (da Universidade) afirma Tardif (2000, p. 11): “Querer estudar os saberes profissionais sem associá-los a uma situação de ensino, a práticas de ensino e a um professor seria, então, um absurdo”. Nesse sentido, a Extensão é de extrema relevância nas e para as licenciaturas, principalmente quando coloca o extensionista no cotidiano da sala de aula, permitindo-o correlacionar a teoria à dinamicidade da prática.

Tão importante é a construção do saber na Extensão que ela vem igualmente prescrita na Constituição Federal, art. 207, que aborda o “princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” no âmbito das Universidades. Ou seja, a relevância inafastável da Extensão vem reconhecidamente prescrita no texto legal que também institui o Ensino e a Pesquisa, formando uma tríade. Frisa-se, o subprojeto “Sinestésias...” não se desenvolveu isoladamente, mas intrinsecamente ligado a um projeto de “pesquisa” (abordado em outra seção); e, claro, ao “ensino”. Quanto a este, o “ensino”, conforme já se explanou, traz em si uma particularidade ligada à “qualificação para o trabalho”, pois teve como meio de desenvolvimento o “ensino” da Literatura para alunos de uma escola municipal, tendo como suporte o próprio “ensino” oferecido na universidade. Ocorreu como aborda Tardif (2000, p. 19): “em uma prática, aprender é fazer e conhecer fazendo”. Assim, o saber universitário e o saber da escola foram se construindo e se reconstruindo na formação profissional da extensionista, que, uma vez licenciada, servirá à sociedade com o trabalho, embora já a sirva nas ações extensionistas.

Portanto, retomando o art. 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), enquanto “qualifica para o trabalho” docente, na Extensão em tela houve a “colaboração da sociedade” na Educação em uma via de mão dupla, assim como houve o “preparo para o exercício da cidadania” à medida que democratizou o acesso à Literatura, expandindo os horizontes humanos dos envolvidos.

Pensando por esse lado, não somente no direito social à Educação, um direito fundamental, o projeto tem escopo, mas também no direito (humano) à literatura que, segundo Candido (2004, p. 186), garante a dignidade da pessoa, pois para ele “negar a fruição da literatura é negar a nossa humanidade”. Por isso mesmo o autor defende que a literatura “tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos” (CANDIDO, 2004, p. 186), já que, dentre outras peculiaridades, o movimento entre real e ficcional pode evidenciar as desigualdades sociais, que se ligam intrinsecamente à luta pela defesa dos próprios direitos, como a educação, a saúde, o lazer, a previdência etc.

Assim, o projeto de extensão “História, Cultura e Literatura em Goiás: diálogos entre a universidade e a comunidade”, cujo subprojeto “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia” é objeto desse estudo, encontra respaldo na lei máxima do País, e, igualmente, nos direitos humanos. Mas o que o tornou vivo foram as ações recíprocas (aluno-extensionista) de (re)construção humana e cidadã no chão da escola, à medida que cada um tomava posse de si pelo viés do outro, ficcional ou não.

O SUBPROJETO “SINESTESIAS: ITAUÇU NAS ASAS DA POESIA”

O subprojeto “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia” desenvolveu-se em 2018 numa turma vespertina composta por 25 alunos do 5º ano (ensino fundamental) da “Escola Municipal Visão do Futuro – Iracema Netto José”, situada em Itauçu, município goiano com 8.575 habitantes (IBGE, 2019), localizado às margens da “Rodovia Cora Coralina” (GO-070), a 60 km da capital, Goiânia; e a 70 km da antiga capital, Cidade de Goiás.

A princípio, em 2018, seria dada sequência ao plano de trabalho do projeto anterior (ano de 2017) “Saraneando o que há de bom: a produção poético-literária de Itauçu”. Porém, a partir da prática na primeira oficina (descrita na próxima seção), em que foram despertadas várias sensações nos alunos, transcendendo a leitura da palavra, o nome do subprojeto passou a ser “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia”. As demais oficinas foram, então, ajustadas a esse formato “sinestésico”, tendo como mote Paulo Freire (1988, p. 11), para quem “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Ou seja, passou-se a pautar pelo deslocamento do olhar da simples leitura do texto em

sala de aula, a fim de que por meio da literatura o aluno abstraísse outras sensações da palavra, de si e do mundo.

O subprojeto está ligado na UEG ao projeto de pesquisa “A poesia e a história em Goiás: uma religação de saberes”, da Dra. Alessandra C. C. Grangeiro, cujo plano de trabalho da extensionista/pesquisadora denomina-se “A produção poético-literária em Itauçu: uma abordagem dos anos 90 aos dias atuais”. Este plano tem como objetivo geral perfazer historicamente o caminho poético-literário do município dos anos 1990 aos 2019, por meio de colheita e/ou catalogação das publicações impressas e virtuais, a fim de sistematizar e estudar a literatura em Itauçu e, conseqüentemente, em Goiás. A pesquisa, por sua vez, liga-se ao projeto coordenado na Universidade Federal de Goiás (UFG) pela Profa. Dra. Goiandira Ortiz de Camargo, “Apresentação da poesia goiana: de 1948 aos dias atuais”, ao qual será encaminhado o resultado final no que tange à poesia produzida em Itauçu.

Ao buscar as obras dentre os objetos da pesquisa a fim de fazer as crianças voarem nas asas da poesia constatou-se que não havia publicações específicas de “Literatura infantil” ou “Literatura infantojuvenil”. Então, a escolha dos poemas se fundamentou na premissa de Castro (1994, p. 133): “toda literatura é infantil se for, radicalmente, ficção”; e no conceito de “deslimite” ou “entrelugar” na literatura, citado por Siqueira (2013, p. 173), para o que um mesmo texto pode atingir públicos diversos, tanto infantil, quanto juvenil e adulto. Nesse sentido, apostou-se na leitura mediada para compreensão literal e literária do texto.

Assim, de posse do material colhido no plano de pesquisa, foi elaborado um plano total de 7 oficinas sinestésicas para degustação de poemas, ministradas mensalmente, sempre na última semana do mês, com duração entre 60 a 90 min. (nas demais semanas o subprojeto “Cri(ar)te...” estava presente). Pelas oficinas, os alunos eram conduzidos a ouvir o poema, lê-lo, esmiuçá-lo, senti-lo pelas várias sensações que provoca no corpo e na alma. Tudo isso através de elementos estruturais ou intrínsecos à poesia e de elementos metafóricos externos. Enfim, eram levados a degustá-lo como fruta colhida no quintal de casa, já que os poetas estão vinculados à literatura produzida em Itauçu, mesmo locus social, político e cultural das crianças, que, muitas vezes, se identificavam com o mote poético e/ou com a vida do poeta.

Ao estabelecer essa ponte entre “criação literária – escritor criador – público leitor”, sobretudo nas escolas, é possível, conforme Lamas e Hintz (1997, 1997, p. 13), despertar a “criatividade” e desenvolver no público-alvo o “saber-fazer”,

pois “Através da dissecação coletiva de obras propostas, abrimos canais de percepção antes despercebidos; visualizamos novas fronteiras, aprendemos a aliar a imaginação aos novos conhecimentos”. Por isso mesmo, cada poema degustado vinha sempre acompanhado da biografia do poeta e dos veículos de publicação, como jornais e, sobretudo, livros. A ideia era que as crianças percebessem a proximidade do próprio mundo com o mundo do escritor e que entrassem em contato visual, tátil, olfativo com o mundo da palavra; que sentissem o livro, fossem capazes de reconhecê-lo pelas sinestesias da capa, das páginas, do cheiro; tudo para fazê-las crer que elas também podem um dia se aventurar no “fazer” poético, podem (por que não?) publicar.

Além de declamações, performances, leituras coletivas, vídeos, imagens, música, conto, lenda, memória, gastronomia, folclore, dinâmicas etc. para mediar a leitura dos poemas, pensou-se em um material didático impresso que trouxesse alguns conceitos básicos formais do gênero poético, para tornar especializado o olhar desse leitor. Assim, respeitando a idade e a série escolar, foram quatro os materiais didáticos elaborados, chamados “Unidade 1”, “Unidade 2”, “Unidade 3” e “Unidade 4”. Os três primeiros em formato de apostila (Word), e o último em formato de projeção (PowerPoint). Exceto a “Unidade 4”, criada para uma única oficina, todas as outras são divididas em “Oficina I” e “Oficina II”. As apostilas trazem o texto poético, a biografia, os conceitos teóricos e os exercícios de interpretação de texto e de sedimentação teórica. Entretanto, é importante reconhecer, apesar de os conteúdos das apostilas serem condizentes com a faixa etária das crianças, entre 10-12 anos, não houve uma mediação ilustrativa que facilitasse a chegada da teoria ao leitor.

Assim, além da degustação dos poemas, a ideia original seria trabalhar todas as apostilas e corrigi-las em sala. Entretanto, na primeira oficina mudou-se a estratégia das ações, pois, se assim continuassem, haveria a necessidade de uma carga horária maior que abarcasse duas propostas diferentes, ainda que intercaladas, para as oficinas: uma mais lúdica, descontraída e que valorizasse o direito do aluno de falar de si; e outra mais tradicional, atrelada aos exercícios das apostilas, constantes em um suporte sem ilustrações. Todavia, estender a carga horária era inviável à extensionista. Então, apesar de saber da importância contributiva desta última proposta (mesmo que em um aporte pouco chamativo) para a sedimentação do conhecimento, optou-se pela primeira proposta: a prioridade do diálogo – quando os alunos descrevem as próprias vivências e sensações diante do mundo a partir daquele contexto de

degustação do poema, levando-o a crer que ele é importante, que as memórias familiares são importantes, pois formam a identidade individual, que se liga à identidade coletiva. Frequentemente poetas e prosadores recorrem à memória do povo, e a identificação desse elemento pela criança intensifica esse sentimento coletivo. Segundo Halbwachs (2006, p. 72) a “memória coletiva”:

contém as memórias individuais, mas não se confundem com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Dessa forma, os poetas locais mediados na escola fortalecem nas crianças o sentimento de pertença a um povo que é cultural, social e politicamente situado. Isso contribui para uma formação educacional que ultrapassa os conhecimentos teóricos e alcança a formação do humano inserido num contexto de mundo ao mesmo tempo próprio e coletivo. Até porque “O leitor literário, na nossa perspectiva, é aquele que entende que uma das funções da leitura/literatura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal. (SIQUEIRA, 2013, p. 170). Contudo, retomando o deslinde das apostilas, elas não foram descartadas, mas usadas como direcionamento das oficinas e para explanações dos conceitos e temas, porém, sem se apegar materialmente a elas e à feitura mecanicista dos exercícios, conforme a equivocada ideia inicial. Esse redirecionamento das ações encontra por sua vez respaldo em Queirós (2012, p. 85):

Ao acreditar que o educando é um objeto decifrado pelo nosso conhecimento, chamamos de educativo um processo de adestramento. Muitas vezes, adestrar é mais viável e cômodo que educar. O primeiro demanda apenas informações com exigências e repetições. Educar implica escutar, pois só nos é possível compreender “quem” é o outro quando ele se diz.

Destarte, o “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia”, nesse movimento de levar o aluno em voos poéticos para degustar o poema e, enfim, expressar todas as sensações por ele provocadas, não é uma maneira descompromissada de ensino-aprendizagem da literatura. Ao contrário, permeia a transformação e emancipação do humano, ressignificando o papel da escola enquanto instituição social libertadora dos modelos hermeticamente fechados, a fim de que o aluno tome posse de si e do locus onde povoa a própria subjetividade.

DESCRIÇÃO DAS OFICINAS SINESTÉSICAS PARA DEGUSTAÇÃO DE POEMAS

As ações em fevereiro e março concentraram-se na elaboração do plano de atividades, tendo em foco o ensino da Literatura como meio de constituição cidadã.

A primeira oficina sinestésica ocorreu em abril e teve como foco F. J. Borges, poema *Manhã* (BORGES, 2017). Com as cadeiras em círculo, iniciou-se um bate papo com a pergunta “O que é preciso para fazer um poema?”. À medida que os alunos respondiam e os conceitos eram esmiuçados tirava-se da cesta um elemento para compor uma mesa de café num cenário rural (FIGURA 1), sempre perguntando, por exemplo: “É preciso toalha de mesa para fazer poesia? E de bule? De mancebo de coar café? De coador? Então precisamos de quê?” Até que, com lenço na cabeça e xale nos ombros, foi encenado pela extensionista o poema. Durante a encenação o café foi coado e servido com queijo às crianças.



FIGURA 1: IMAGEM ACERVO PESSOAL DA EXTENSIONISTA

A diferença entre poesia e poema; o verso; a estrofe; a linguagem formal e informal; o preconceito linguístico foram abordados. O escritor e extensionista F. J. Borges estava presente e sanou curiosidades. Assim, o poema foi saboreado aguçando os cinco sentidos, daí que passou a se chamar “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia”.

A oficina de maio explicou o novo nome do subprojeto. Pela palavra “sinestésias”, conceituou Figuras de Linguagem, explorando, as onomatopéias do poema *Manhã* e a metáfora do conto *Alicerce de espuma* (CORREA, 2015, p. 17), que foi

lido em conjunto com os alunos, diferenciando poema e prosa. Utilizou-se um spray de espuma para a metáfora do título: o medo que “Alice” tinha por corujas, mas que sumiu, como a espuma sumia das mãos das crianças. No conto, “Alice” passou a comer corujas, o que levou à discussão de crime ambiental e hábitos alimentares do Japão. Para surpresa, uma coruja modelada com massa de leite em pó foi retirada da cesta, então, foi repartida (FIGURA 2) e “comida” por todos.



FIGURA 2: ACERVO PESSOAL DA EXTENSIONISTA

A oficina sinestésica de junho colaborou com o projeto “Águas do Cerrado – Rio Meia Ponte, vida que não pode secar”, da “Associação Ambiental Pró-Águas do Cerrado”. Assim, levou aos alunos o poema *Vale de Lágrimas*, da escritora Ana Garcia, no qual o rio Meia Ponte diz: “Pare!/Escuta-me! Estou agonizando.” (GARCIA, 1991). Na oficina, para ilustrar o poema foi feita uma dinâmica de “despoluição”: num recipiente transparente (aquário), colocou-se água e elementos que representam a vida no planeta (vegetais, minerais etc.), adicionou-se um líquido escuro (iodo) representando os “poluentes” e, para “despoluir”, com os alunos em círculo e de mãos dadas citando ações humanas necessárias, a extensionista adicionou outro líquido (água sanitária), então, a água voltou a ficar translúcida. A fim de complementar, foi projetada uma reportagem em vídeo: “Será que você conhece o rio Meia Ponte?” (O POPULAR, 2018). Explanou-se: a lenda sobre o rio Meia Ponte; o início da povoação do interior do

Estado e de Itauçu; o percurso do rio até desaguar no mar; a importância da água para a manutenção da vida; o lazer etc.. Uma bola em formato de globo terrestre serviu de localizador do percurso do rio, e um suco azul, pelo qual foi feita uma explanação sobre a coloração da água do mar, foi servido para degustação (FIGURA 3), mas o sabor ácido (limão) não agradou muito às crianças, então, fez-se a metáfora com a poluição. O subprojeto colaborou também com o projeto, da Escola Estadual Ary Demóstenes de Almeida, chamado “Dia D da Leitura”, através da *performance* do poema *O homem que amava caixas*, de Stephen Michael King, e da contação de *Alicerce de Espuma*.



FIGURA 3: ACERVO PESSOAL DA EXTENSIONISTA

Já que em julho há recesso escolar, as oficinas de degustação de poemas retornaram em agosto com *Mundividência*, poema de autoria da própria extensionista Rúbia Garcia de Paula (ainda não publicado em livro), adaptado por ela para o teatro, e encenado (FIGURA 4). Na peça, faz-se o resgate linguístico e cultural da figura das avós, assim como de elementos históricos que perpassam a ocupação do cerrado goiano por paulistas e baianos, levando também em consideração a cultura dos povos indígenas. Explanou-se também sobre rimas e a diferença entre a poesia e o teatro. O combate ao preconceito linguístico foi retomado ao abordar a ortoepia, tanto constante na encenação, quanto presente nas expressões familiares exemplificadas pelos alunos. Para finalizar essa viagem aos antepassados, a degustação foi feita com pirulitos, uma forma muito característica de rememorar os avós, sempre prontos a oferecer alguma guloseima aos netos.



FIGURA 4: ACERVO PESSOAL DA EXTENSIONISTA

Em setembro as oficinas de degustação de poemas realizou atividades externas na comunidade. O que não causou prejuízo aos alunos da escola municipal, já que o subprojeto parceiro prosseguiu normalmente com o plano de oficinas semanais. Assim, intermediou-se a ida do escritor Hailton Correa, egresso da UEG, ao “XVI Encontro Linguístico e Literário dos Acadêmicos de Inhumas” (ELLAI), que teve o poema “Verdade sobre afins de noites meticulosas” (CORREA, 2017, p. 42) apresentado pela extensionista numa performance artística (FIGURA 5). Livros foram doados pelo escritor à biblioteca da UEG. Já a performance do poema Mundividência foi levado ao “II Encontro de Língua Portuguesa da CRECE – Inhumas”, com explanação sobre “Português padrão e não padrão em sala de aula”.



FIGURA 5: ACERVO PESSOAL DA EXTENSIONISTA

No mês de outubro foi a vez de degustar a declamação do poema Flores do poeta José Braga Coelho (2015, p. 199), traçando um paralelo com a música Primavera de Vivaldi, apresentada em animação. Para o reconhecimento visual do poeta houve fotos com outros escritores que integram o grupo itauçuense de produção de poemas “Fotoversivos”, sobre o que foram feitas considerações. Noutra foto, o poeta estava ao lado do folclorista Bariane Ortencio, então se elencou as contribuições deste para o resgate do folclore goiano. Aproveitando que a data era 31 de outubro, outro paralelo foi traçado: entre o folclore dos EUA, “Dia das Bruxas”, e o folclore do Brasil, “Dia Nacional do Saci”, ambos comemorados naquela data. Ao final, entre “travessuras” (do Saci) e “gostosuras”, cada aluno recebeu um bombom. O projeto geral de extensão participou também do desfile de comemoração ao aniversário de 70 anos da cidade de Itauçu. Na cerimônia, alunos da escola levaram a faixa com os dizeres: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Paulo Freire) – UEG – Projeto de Extensão História, Cultura e Literatura em Goiás” (FIGURA 6). Participou também da culminância do projeto “Águas do Cerrado – Rio Meia Ponte, vida que não pode secar”, quando, por iniciativa da professora regente, a poeta Ana Garcia foi homenageada e teve o poema *Vale de lágrimas*, trabalhado pelo “Sinestésias...”, encenado pelos alunos.



FIGURA 6: ACERVO PESSOAL DA EXTENSIONISTA

A última oficina se deu no mês de novembro. Já que os alunos do 5º ano estão se preparando para a “formatura”, num rito de passagem para outra escola, a vida e a obra da escritora goiana Cora Coralina foi utilizada como exemplo de enfrentamentos e superações. O uso de pseudônimos por poetisas, inclusive com a explicação em vídeo pela própria Cora, foi trabalhado. A obra *A menina, o cofrinho e*

a *vovó* (CORALINA, 2009), adaptada em vídeo, também foi projetada, seguida de discussão temática participativa. Fazendo um paralelo com a produção local, foi apresentada a *performance* do poema *Doces de Cora* (FIGURA 7), de autoria da extensionista Rúbia Garcia de Paula (2014) que, recentemente, havia sido encenado por uma aluna do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás (CPMG), unidade de Itauçu, na Noite Cultural denominada “Goiás, seus encantos, nossa terra, nossa gente”, o que também foi abordado às crianças. O CPMG é a única instituição escolar que oferece a 2ª fase do ensino fundamental no município, e para onde provavelmente iriam aqueles alunos, daí a importância de mostrar também lá a possibilidade de serem agentes de difusão cultural das próprias raízes. Para ilustrar o poema que homenageia Cora Coralina, ao final foi servido um doce às crianças.



FIGURA 7: ACERVO PESSOAL DA EXTENSIONISTA

Por sua vez, a poeta Ana Garcia, homenageada em outubro, convidada pela Extensão, foi à escola e declamou o poema às crianças *Súplica*, do poeta goiano Décio Jaime.

Em dezembro as atividades da escola voltaram-se para as avaliações finais e os preparativos para a formatura, portanto, não houve oficinas. Mas os extensionistas foram os “homenageados de honra” na cerimônia de formatura.

Fica evidente o caráter inter/transdisciplinar das oficinas sinestésicas para degustação dos poemas, por onde os alunos aprendiam não só a ouvir-sentir

a poesia ou entrar em contato com a estética literária, mas também a tomar posse dos temas que perpassavam o eu-lírico, como a história, a geografia, a química, a sociologia, o direito etc. Essa mediação inter/transdisciplinar da educação, acredita-se, contribui para a formação integral do aluno enquanto cidadão do mundo e para o mundo, passando pela formação do leitor literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que se explanou fica evidente na formação universitária a importância da Extensão, ampliando as ações sociais na comunidade; até porque, não fosse assim, ela não estaria inserida dentre os direitos da Constituição Cidadã, a CF/88.

No âmbito da Educação, um direito social, especificamente das Licenciaturas, os desdobramentos da Extensão no “saber-fazer” durante a formação docente ultrapassam os limites do mensurável, porque abarcam um “educar” sempre em (re)construção, por uma via de mão dupla: aluno-extensionista. Foi o caso do subprojeto de extensão “Sinestésias: Itauçu nas asas da poesia”, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas, desenvolvido numa escola pública municipal de Itauçu-Go, onde reside a extensionista.

Enquanto se construía e reconstruía na prática escolar, o subprojeto mudou o nome inicial, expandiu o foco de atuação, reformulou os suportes e as estratégias para a realização das oficinas, ampliou relações com outros projetos, como o “Dia D de leitura”, o “Águas do Cerrado – Rio Meia Ponte, vida que não pode secar” e o próprio subprojeto parceiro “Oficina Cria(r)te: produção artístico-literária e formação de cidadãos em Itauçu”. Atuou também em eventos de formação de professores, como o “ELLAI” e o “II Encontro de Língua Portuguesa da CRECE – Inhumas”.

Além do mais, fortaleceu laços com os alunos, com a professora regente, com a diretora e a secretária municipal de educação, tanto é que o projeto geral de extensão “História, Cultura e Literatura em Goiás: diálogos entre a universidade e a comunidade” teve lugar reservado no desfile de aniversário da cidade de Itauçu e os extensionistas foram homenageados na cerimônia de formatura. Entende-se tudo isso como “troca”, troca de saber, de conhecimento, de afeto, de respeito, de compreensão, de amor na ressignificação construtiva de si e do outro a partir do direito (humano) à literatura.

Por falar em amor, o amor pela poesia, foi o que moveu a extensionista num plano de trabalho pouco usual que propunha aos alunos a experimentação da poesia por todos os sentidos possíveis, mostrando novas possibilidades de leitura do mundo e da palavra, despertando sensações inusitadas e provocando novos olhares para o texto e o contexto. Numa grande metáfora, as “oficinas sinestésicas para degustação de poemas”, como no rito canibal ancestral, levavam, com ludicidade, a comer a carne do poema oriundo das entranhas dos poetas guerreiros da tribo local – a cidade de Itauçu que, em tupi-guarani, significa “Pedra Grande”, a fim de que as crianças se fortalecessem enquanto seres humanos individuais e coletivos, ávidos de tantas possibilidades.

Acredita-se que a mediação sinestésica do poema, sempre com vistas a ouvir o aluno naquilo que a poesia nele provocava, sobretudo no que abstraía das memórias familiares, religou os saberes por meio da história e da literatura, expandindo-os de forma inter/transdisciplinar para outras searas do conhecimento. Assim, no ensino da literatura e na formação do leitor literário, as ações foram muito além dos currículos hermeticamente fechados na educação escolar, mas pautaram por educar para a vida e pela vida.

Embora com um número pequeno de oficinas, espera-se tenha contribuído, ainda que minimamente, na construção de cidadãos plenos. O que não tem como medir, senão na vivência diária em sociedade.

REFERÊNCIAS

BORGES, F. J. Manhã. **Fotoversivos**, 2017. Acervo inédito.

BRASIL, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre a Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Tempos de metamorfose**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

COELHO, José Braga. **Prelúdios poéticos na região do Mato Grosso Goiano: trajetória da família Moreira**. Goiânia: Kelps, 2015.

CORALINA, Cora. **A menina, o cofrinho e a vovó**. Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. São Paulo: Global, 2009.

CORREA, Hailton. **Aluir a Palha – Ruir a Pilha**. Goiânia: Kelps, 2015.

_____. **Senda Incomum – Poemas**. Goiânia: Kelps, 2017.

DE PAULA, Rúbia Garcia . Doces de Cora. In: CORREA, Hailton. Com as bênçãos de Cora: Rúbia Garcia. **Diário da Manhã**, Goiânia, 13 de setembro de 2014. Opinião Pública, p. 06.

DE PAULA, Rúbia Garcia. Mundividência. Acervo inédito da poeta.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1988.

GARCIA, Ana. **Folha de Itauçu**. Ano 1, nº 05, maio de 1991.

HALBSWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. Itauçu. População. Consulta em 25 de maio de 2019.

LAMAS, Berenice Sica; HINTZ, Marli Marlene. **Oficina de criação literária: um olhar de viés**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

O POPULAR. Será que você conhece o rio Meia Ponte? Disponível em: <https://www.opopular.com.br/editorias/meia-ponte/caminhos-do-meia-ponte-1.1365171>. Consulta em: junho de 2018.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Júlio Abreu (org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. **Literatura sem fronteira: por uma educação literária**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Literários). 321fl. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SUANNO, João Henrique. Escola Criativa: o ser, suas aprendizagens, suas relações humanas e o desenvolvimento de valores. **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG**, Câmpus Inhumas/Goiás, v. 6, nº 2, outubro 2014. p. 12-23.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências. **Revista Brasileira de Educação**, n.13, 2000. p.5-24.